

SAÚDE E DOENÇA NAS PERIFERIAS METROPOLITANAS: UM ESTUDO A PARTIR DOS DADOS DE MORTALIDADE EM MAUÁ-SP

Fernando Carlo Vedovate*

A comunicação livre que apresentarei é resultado de uma pesquisa que está em andamento e que integra o Trabalho de Graduação Individual (TGI), necessário à conclusão do curso de graduação em geografia. As informações aqui contidas representam apenas uma etapa do processo de pesquisa desenvolvido até o momento da entrega deste à organização do evento, não apresentando, portanto, conclusões sobre o tema. Na exposição oral, pretendo apresentar os resultados da pesquisa.

Este trabalho consiste no estudo do espaço urbano de Mauá - município localizado na periferia da Região Metropolitana de São Paulo - tomando como método de análise a mortalidade em um de seus bairros periféricos, o Jardim Oratório. A contraposição dos dados de mortalidade geral do município ao da área escolhida, auxiliará no entendimento da relação existente entre mortalidade e urbanização nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, respeitando suas peculiaridades e especificidades no que diz respeito à formação socioeconômica e territorial e a divisão social e espacial do trabalho.

Pretendo entender a saúde (e a mortalidade) como categoria de análise geográfica e através das causas de óbitos nas periferias urbanas, traçar um quadro da ação do Estado no que se refere à gestão da pobreza urbana e suas políticas.

Para que isso seja possível, é necessário entender a formação e estruturação da metrópole paulistana e o lugar de Mauá nesse espaço.

Lúcio KOWARICK e Milton CAMPANÁRIO, ao analisarem a metrópole paulistana entenderam-na como “o centro nervoso da acumulação do Capital, onde as principais determinações macroestruturais da sociedade são forjadas.”(1) Sendo assim, “o papel da Grande São Paulo no contexto do sistema econômico mundial deve ser avaliado através da relação entre as condicionantes estruturais, impostas pelo modelo de desenvolvimento dependente associado, e as condições urbanas concretas que dão suporte a esta modalidade de acumulação.” (2)

O desenvolvimento deste trabalho parte do ponto de vista de que a metrópole paulistana se associa ao sistema econômico mundial de forma dependente e desigual, estando a urbanização e a força de trabalho intimamente ligadas às condições gerais de reprodução do Capital - que no caso brasileiro e das outras metrópoles dos países subdesenvolvidos corresponde a relações de espoliação e superexploração da mão-de-obra.

Dessa maneira, o estudo da mortalidade em um município da periferia da metrópole (Mauá) e em sua maior favela (Oratório), se apresenta como um dos caminhos para

* Fernando Carlo Vedovate

Aluno de Graduação

Departamento de Geografia

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas

Universidade de São Paulo.

São Paulo - Brasil

entender como se dá essa espoliação e que condições de vida o Estado Capitalista oferece para que a força de trabalho se reproduza.

Segundo KOWARICK e CAMPANÁRIO (1985), a metropolização de São Paulo segue a lógica da descentralização capitalista através da nova DIT (Divisão Internacional do Trabalho), em que as relações econômicas internacionais são marcadas pela descentralização do aparato produtivo industrial.

Após a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de integrar os mercados entre as nações de industrialização avançada (EUA, Europa e Japão), ampliando o mercado consumidor, surgiram novos países industriais (NIC's) - no qual o Brasil e Argentina se inserem - como centro de acumulação e valorização do Capital internacional. Essa acumulação se dá de forma dependente e associada em relação aos países do centro do sistema. Uma das maiores características dessa divisão é o endividamento. Ganham força, assim, as regras impostas pelo sistema financeiro internacional, que submetem as políticas nacionais aos interesses dos grandes bancos e empresas multinacionais, tornando esses países extremamente sensíveis às flutuações do capitalismo central. **(3)**

Vários são os motivos da inserção do Brasil como um NIC, por exemplo a disponibilidade de mercado interno e a presença de um mercado consumidor relativamente amplo. Além disso, o Brasil contava na época com um setor de insumos básicos bastante avançado, gerado pela substituição de importações nas primeiras décadas do século XX. Esse setor possuía forte participação estatal.

A inserção do Brasil como um NIC seguiu, antes de mais nada, uma orientação política, levada a cabo, pelo Presidente Juscelino Kubistchek, mas que se cristalizou após a instauração do regime militar ditatorial em 1964. Essa opção do Estado, levou o país a realizar mudanças profundas em seu território, (uma nova divisão territorial do trabalho) incentivando a migração interna e a urbanização de modo a atender às condições gerais impostas pelo capitalismo, como por exemplo a existência de um mercado consumidor relativamente amplo e de vasta mão-de-obra, suficiente para suprir as necessidades das indústrias instaladas e ainda formar um exército industrial de mão-de-obra, que pressionasse os salários para baixo e ainda contivesse a força dos movimentos reivindicatórios organizado a partir dos sindicatos.

“Ao criar as condições gerais de infra-estrutura necessária para o pleno funcionamento do Capital industrial no setor transnacionalizado de consumo durável, o Estado investiu pesado em energia, transportes e insumos básicos, centrando esses recursos especialmente na região liderada pela cidade de São Paulo. Cresce, assim, o peso relativo deste núcleo urbano não só enquanto receptor de investimentos diretos estrangeiros, mas também como espaço construído capaz de fazer circular o valor ali criado.” **(4)**

A escolha de São Paulo como centro da economia nacional se deve a alguns fatores como a existência de uma rede de serviços e infra-estrutura urbana relativamente bem provida e boas vantagens de localização, além de outros já citados anteriormente, como a existência de indústrias de insumos básicos, oferta de mão-de-obra, inclusive especializada, necessária para a rápida rotação do Capital e sua posterior valorização.

(5)

O município de Mauá se insere, dentro deste contexto, como uma área privilegiada da expansão urbana, abrigando os novos moradores, formados por migrantes vindos principalmente do Nordeste do país e de Minas Gerais, além de muitos habitantes 'expulsos' pela especulação imobiliária das regiões mais valorizadas da metrópole, como São Caetano do Sul e Santo André. A tabela a seguir mostra a evolução da

população no município e a taxa de crescimento anual. Repare que as taxas no período 1950-1970, embora em queda, ainda é elevado.

POPULAÇÃO ABSOLUTA E CRESCIMENTO ANUAL NO MUNICÍPIO DE MAUÁ		
ANO	POPULAÇÃO ABSOLUTA	CRESCIMENTO ANUAL (%)
1950	9.472	---
1960	28.924	11,81 (50-60)
1970	101.726	13,4 (60-70)
1980	205.740	7,3 (70-80)
1990	294.998	3,33 (80-91)

Fonte: MÉDICI, A. **De Pilar a Mauá. Mauá**, Prefeitura Municipal de Mauá. 1985. Com base no IBGE - Censos Demográficos. Tabela atualizada por Fernando Carlo Vedovate.

Esses moradores representam boa parte da força de trabalho das indústrias do grande ABC. Mauá, como tantos outros municípios metropolitanos, caracteriza-se por ser desprovidos de infra-estrutura básica e de equipamentos de cultura e lazer. Dessa forma, seus habitantes os utilizam apenas para reproduzirem-se enquanto força de trabalho. Esses municípios, neste momento, servem a essas pessoas como espaço de reprodução de sua existência.

Como foi salientado anteriormente, a opção brasileira pelo modelo de desenvolvimento dependente e associado privilegiou o setor de bens de consumo duráveis transnacionalizados em detrimento dos ramos mais tradicionais como por exemplo o de bens de consumo não duráveis (alimentos, têxtil, vestuários, etc.) . **(6)**

O crescimento econômico se deu às custas do baixo custo da mão-de-obra. Assim a população ficou desprovida dos principais serviços urbanos necessários a reprodução de sua força de trabalho, pois o Estado priorizava claramente a infra-estrutura industrial em detrimento da infra-estrutura básica necessária para a população. Em decorrência disso, houve um aumento da concentração de renda e pauperização de parcela significativa da classe trabalhadora. Isto se reflete nas condições de saúde da população e também na mortalidade destacando-se na paisagem urbana, materializado no espaço urbano, que é mercadoria, mas é também o locus da reprodução da vida e das relações sociais. O caso do Jardim Oratório não é diferente pois essa favela revela e exemplifica a contradição do modo capitalista de produção, que necessita manter a sua força de trabalho com as suas necessidades mínimas de reprodução satisfeitas mas, ao mesmo tempo, as segrega para áreas desprovidas das condições mínimas de existência.

A urbanização brasileira trouxe consigo, como é próprio do modo de produção capitalista, uma forte valorização da terra, que veio acompanhada, graças a aliança do Estado com proprietários de imóveis, de grande especulação.

Como “a demanda de solo urbano para fins de habitação também distingue vantagens locacionais, determinadas principalmente pelo maior ou menor acesso a serviços urbanos, tais como transporte, serviços de água e esgoto, escola, comércio, telefone, etc. **(7)**”, enorme contingentes populacionais acabaram sendo expulsos para áreas menos valorizadas da cidade. “O funcionamento normal da economia capitalista não assegura um mínimo de renda a todos. Antes, pelo contrário, este funcionamento tende a manter uma parte da força de trabalho em reserva, o que significa que uma parte correspondente da população não tem meios para pagar pelo direito de ocupar um pedaço do solo urbano. Esta parte da população acaba morando em lugares que, por alguma razão, os direitos de propriedade não vigoram: áreas de propriedade pública,

terrenos em inventário, glebas mantidas vazias com fins especulativos, etc., formando as famosas invasões, favelas, mocambos, etc.” **(8)**. As famílias que não podiam sequer pagar esses terrenos mais afastados da cidade, se viram obrigadas a ocupar alguns vazios urbanos, como margens de rios e córregos, terrenos com elevada declividade, etc.

Esse padrão periférico de crescimento urbano foi fundamental para o capitalismo se estabelecesse aqui no Brasil e participasse no mercado econômico mundial a preços competitivos, pois a superexploração da classe trabalhadora aumenta a lucratividade das empresas aqui instaladas. O padrão periférico de crescimento urbano “reserva as áreas centrais às camadas de médio e alto poder aquisitivo e segrega a classe trabalhadora nas múltiplas, longínquas e rarefeitas periferias da metrópole, principalmente no entorno dos principais troncos ferroviários e rodoviários.” **(9)**

Mauá é cortada pelo leito da EFSJ (Estrada de Ferro Santos a Jundiaí). Graças a essa proximidade, ela emancipou-se de Santo André (1954) e inseriu-se no sistema produtivo da metrópole abrigando, mais tarde, muitas fábricas - nacionais, multinacionais e estatais - como por exemplo o pólo petroquímico de Capuava e o distrito industrial de Sertãozinho. **(10)** Além da proximidade com a via férrea e com os municípios industriais do ABC e de São Paulo, as indústrias de Mauá atraíram muitos migrantes para o município.

A industrialização de Mauá, no entanto, não é um fenômeno recente. Ela ocorreu sobre uma infra-estrutura industrial que data do início do século XX (décadas de 20, 30 e 40) e que caracterizava a economia do município. A ferrovia, concluída em 1865, direcionou, num primeiro momento, a ocupação das terras que compõem o atual município de Mauá. Nessas terras desenvolveram-se primeiramente as atividades de corte de lenha e extração de pedras. Num segundo momento, surgiram atividades como as olarias, cerâmicas e fábricas de porcelana bruta e fina. Posteriormente inicia-se o processo de industrialização com a instalação de indústrias químicas, petroquímicas e metalúrgicas, que vem se desenvolvendo até o momento atual. A principal indústria do município é a refinaria de Petróleo de Capuava - RECAP, que entra em funcionamento em 1954, marcando uma mudança no processo de industrialização do município. A RECAP fazia parte de um projeto de instalação de um pólo petroquímico. Várias empresas do setor viriam se instalar posteriormente nesse pólo causando uma onda migratória e alimentando a especulação imobiliária.

"A RECAP entrava em funcionamento empregando desde logo 700 trabalhadores. A refinaria foi projetada para atuar num grande espaço vazio, desabitado, cheio de verde, distante dos núcleos urbanos. O projeto previa, inclusive, o escoamento da produção via estrada de ferro. As próprias estruturas para o erguimento da refinaria vieram pelos trilhos. (...) O pólo petroquímico de Capuava localiza-se entre Mauá e Santo André próximo da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí.” **(11)**

É justamente junto a RECAP que se instalou anos mais tarde a maior favela do município de Mauá e uma das maiores do estado: a favela do INPS (atual Jd. Oratório). Esse processo de favelização ocorreu devido a concentração de pessoas que foram atraídas pelas propagandas oficiais, migrando de seus estados de origem para a Região Metropolitana de São Paulo, causando uma “explosão demográfica” no município. É significativo também o número de pessoas que se mudaram - e ainda mudam - de municípios vizinhos para Mauá, devido a especulação imobiliária.

Esse enorme contingente populacional, representava para o setor público uma forte pressão por moradia e para os especuladores imobiliários, uma pressão negativa sobre o

valor dos imóveis e lotes urbanos. Devido a baixa renda, essas pessoas não representavam um mercado consumidor de lotes urbanos. Interessava ao próprio setor imobiliário e ao Estado o assentamento dessas pessoas. Para aliviar a pressão dessa gente toda por moradia, a prefeitura resolveu ‘fechar os olhos’ e até incentivar as ocupações que ocorreram no município, entre elas a favela do Jd. Oratório - ocupação incentivada pelo próprio Estado - visto que a área ocupada pertencia a outro nível de poder (Federal).

Essas novas áreas, desprovidas de qualquer infra-estrutura, apresentavam péssimas condições de higiene e saneamento básico, causando doenças e mortes por motivos fúteis, como por exemplo a tuberculose e a desnutrição, doenças erradicadas há tempos em outras áreas do globo.

É a partir das pesquisas sobre as causas de mortalidade na metrópole, no município e no bairro escolhido como objeto empírico (Jd. Oratório), que pretendo desenvolver esse trabalho. É necessário saber do que se morre e onde se morre; estabelecer relações espaciais, mapear e propor intervenções. Não se trata apenas, portanto, de um trabalho de quantificação, mas sim uma qualificação e uma espacialização da mortalidade nas periferias metropolitanas, em especial na área escolhida como objeto empírico de análise. Tal fato ganha importância ao se constatar, durante a pesquisa, que nenhum órgão da administração estatal, em nenhum nível, possui uma sistematização dessas informações, ou seja, nem mesmo os órgãos competentes que deveriam tratar do assunto como a prefeitura e as secretarias de saúde, habitação, serviços de informação do Estado, etc., possuem informações espacializadas dos bairros sobre as causas da mortalidade de sua população. É nesse sentido que esse trabalho procura dar a sua contribuição.

BIBLIOGRAFIA.

- CARLOS, A.F. **A (Re)Produção do Espaço Urbano**. São Paulo, Edusp, 1994.
- FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil** (15a. edição). São Paulo, Ed. Nacional, 1977.
- KOWARICK, Lúcio. **A Espoliação Urbana (2a. edição)**. São Paulo, Paz e Terra, 1993.
- KOWARICK, Lúcio. e CAMPANÁRIO, Milton. “São Paulo: Metrópole do Subdesenvolvimento Industrializado.” In: **Revista Novos Estudos**, no.13, São Paulo, 1985.
- LANGENBUCH, Juergen. **Assentamento Industrial na Grande São Paulo: Análise Retrospectiva**. São Paulo, s.d. (mimeo).
- LEFEBVRE, Henri. **Lógica Formal, Lógica Dialética** (5a edição). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991.
- MARICATO, Hermínia. “Autoconstrução, a arquitetura possível”. In: **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial** (2^a ed.). São Paulo, Alfa e Ômega, 1982.
- MARTINS, José de Souza. **Subúrbio - Vida Cotidiana e História no Subúrbio de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha**. São Paulo/São Caetano do Sul, Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- MEDICI, Ademir. **De Pilar a Mauá**. Mauá, Prefeitura Municipal de Mauá, 1985.
- PAULA, Sergio Góes. **Morrendo à toa: causas da mortalidade no Brasil**. São Paulo, Ática, 1991.
- POPP, Elisabeth Victória. **Urbanização e mortalidade no Brasil: uma introdução à geografia médica**. São Paulo, Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia - FFLCH - USP, Inédito, 1993.
- SANTOS, Milton. **Metrópole Corporativa Fragmentada: O Caso de São Paulo**. São Paulo, Nobel/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- SINGER, Paul. “O uso do solo urbano na economia capitalista”. In: **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial** (2a ed.). São Paulo, Alfa e Ômega, 1982.

NOTAS:

- (1) KOWARICK, Lúcio e CAMPANÁRIO, Milton. “São Paulo: Metrópole do Subdesenvolvimento Industrializado”, In: **Novos Estudos**, nº. 13, São Paulo, 1985. p. 66
- (2) *Op. cit.* p.66
- (3) *Op. cit.* pp. 66-67
- (4) *Op. Cit.* p. 68
- (5) O Estado associado a grandes empresas garantia a essas empresas “condições de infra-estrutura e serviços necessários a rápida rotação do Capital e sua posterior valorização.” *Op. Cit.* p.71.
- (6) Essa idéia está presente em Kowarick e Campanário. *Op. Cit.* p.68
- (7) SINGER, P. “O uso do solo urbano na economia capitalista”. In: **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial (2a ed.)**. São Paulo, Alfa e Ômega, 1982. p. 27
- (8) SINGER, P. *Op. cit.* p. 33.
- (9) KOWARICK, L. e CAMPANÁRIO, M. *Op. cit.* p.71
- (10) Antes de ser emancipado (1954), Mauá fez parte dos municípios de São Bernardo do Campo (1831) e Santo André (1938).
- (11) MEDICI, A. **De Pilar a Mauá**. Mauá, Prefeitura Municipal de Mauá, 1985. Pp.54-55.